ASPECTOS DA LINGUAGEM FALADA PELOS GURUTUBANOS

Maria do Socorro Vieira Coelho*

Resumo:

O objetivo deste artigo é descrever e analisar a variante do português falado pelos habitantes do Território Gurutubano, da região Centro-norte de Minas Gerais. A investigação alicerçou-se nos postulados teóricos da sociolinguística variacionista laboviana, apoiou-se também nos trabalhos de Fishman, Hymes, Gumperz e utilizaram-se, ainda, as referências básicas de Weinreich. O resultado foi um trabalho descritivo-explicativo sincrônico do português falado pelos gurutubanos. A isto, acresceram-se algumas informações diacrônicas relativas à formação e evolução observadas no decorrer do estudo, que mostraram a existência de um falar do português brasileiro rural gurutubano, ou seja, um falar que possuí traços específicos que o caracterizassem como um falar de área rural gurutubana**:** *o português brasileiro gurutubano*.

Palavras-chave: Gurutubanos. Português brasileiro. Quilombolas. Sociolinguística.

Abstract:

The scope of this article is to describe and analyze the variation of the Portuguese language spoken by the inhabitants of the Gurutubano Territory located in the northern central region of the Minas Gerais State, Brazil. The investigation is supported by the postulates of the Sociolinguistic Variation theory developed by William Labov, the works by Fishman, Hymes and Gumperz and in Weinreich´s studies. The result is a descriptive, explanatory and synchronic work about the Portuguese spoken by the Gurutubanos with some additional diachronic information about the formation and evolution of such language variation, thus revealing the existence of a Brazilian Portuguese rural language with specificities which allows it to be classified as *Brazilian Gurutubano Portuguese.*

Keywords: Gurutubanos. Brazilian Portuguese. Quilombolas. Sociolinguistic.

Introdução

A modalidade da língua portuguesa brasileira falada pelos moradores do Território Gurutubano[1], ou seja, o povo Gurutubano que vive no vale do rio Gurutuba, situado na região

* Professora do Departamento de Comunicação e Letras (Unimontes), Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. E-mail: soccoelho@hotmail.com.

[1] Esclarecemos que optamos por usar a grafia proposta por Neves (1908a) *em Chorographia do Município de Boa Vista do Tremendal*, por ser o primeiro historiador regional que faz menção explícita aos negros que se

– centro norte de Minas Gerais - desde o século XVIII, chamou nossa atenção desde o final dos anos 90. Foi na época dos festejos comemorativos do dia da 'Consciência Negra' no Vale do Gurutuba, que percebemos certas particularidades no falar desse povo, ao ouvir um discurso proferido pela representante do território. A partir desse acontecimento, por não ter encontrado trabalhos ou autores que tivessem abordado o dialeto do povo das comunidades quilombolas da região do norte de Minas Gerais, dos gurutubanos, especificamente, e porque queríamos contribuir para uma melhor visão, bem como prover uma descrição sobre o linguajar dessa comunidade, aceitamos o desafio de descrever e analisar tal dialeto. Para efetuar essa tarefa, percorremos diversos caminhos, que viriam a confirmar nossa suspeita: a existência de um dialeto do português brasileiro falado pelos gurutubanos, que apresenta um conjunto de características peculiares a esse povo, não encontradas em qualquer outra região do Brasil de que tenhamos conhecimento até a presente data. A esse dialeto, denominamos 'Português Brasileiro Gurutubano' (PBG). Neste artigo, portanto, temos como objetivo apresentar as principais características da variante do português falado pelos habitantes do Território Gurutubano. Este texto constitui uma parte da tese de doutoramento da mesma autora [Maria do Socorro Vieira Coelho (2010)], intitulada *Gurutubanos: língua, história e cultura*, defendida e aprovada na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, orientada pelo Professor Marco Antônio de Oliveira, e se encontra disponibilizada na internet (www.fflch.usp.br/dl/indl/baixar.php?arq=374ea1b0b34e995.pdf).

História e cultura gurutubana

A maioria das comunidades quilombolas norte mineiras, em torno de 153, está localizada nos vales dos rios Verde Grande e Gurutuba, que, segundo dados do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (2008), não foram habitados pelo povo 'bravo' nos primeiros séculos de povoação, por causa dos frequentes focos da malária que assolou essa região. E, como os povos de origem africana apresentavam maior resistência a essa doença endêmica, a malária serviu como escudo protetor da ocupação desse local por escravos (negros, índios), outros negros e grupos indígenas. A doença só foi erradicada na década de 50 do século XX, quando se deu a invasão e ocupação do território gurutubano por grileiros e

aquilombaram no vale do Gorutuba. Portanto, utilizaremos 'g**u**rutubano' – 'g**u**rutuba' e seus derivados, com 'u', em todo o nosso texto. Não iremos utilizar a grafia 'gorutuba', com 'o', escritas nas cartas propostas pelo IBGE.

fazendeiros. O antropólogo Aderval Costa Filho e membros do seu grupo de trabalho (2005) elaboraram um 'Laudo de Identificação e Delimitação Territorial do Quilombo do Gurutuba – Norte de Minas Gerais' –, com base na determinação da Portaria nº 36, de 27-12-2002, do Ministério da Cultura – Fundação Palmares. Esse documento revela que o povo que ora habita aquele espaço encaixa-se na condição de 'quilombola', isto é, apresenta aspectos históricos, antropológicos e territoriais que os caracteriza como tal: ancestralidade comum, formas de organização política, social e cultural, elementos linguísticos e religiosos.

O território quilombola gurutubano está assentado na Depressão Sanfranciscana, na periferia da Bacia Sedimentar Bambuí, nas terras da fazenda do Ramalhudo Mártires, que tem origem na sesmaria recebida pelo Conde da Ponte, na época das capitanias hereditárias, e fazia parte da Capitania da Bahia, compreendendo uma faixa de terras com área total de 41.124.805 hectares. Limita-se ao norte com o Estado da Bahia pelo rio Verde Pequeno e com a fazenda Aguilhadas pelo córrego Cabeceiras; ao sul, com as fazendas Passagens e Angicos, a fazenda da Barra no município de Mato Verde, e Fazenda Raposa e Pageú, no município de Monte Azul; a oeste, com as terras devolutas da Jaíba, nos municípios de Manga e São João da Ponte, rio Verde Grande. A medição e a demarcação, segundo Costa Filho (2005, p. 57), foi feita pelo agrimensor José Vieira de Alquimim em 1955. Até o ano de 1992, todo este território pertencia aos municípios de Monte Azul, Mato Verde, Porteirinha e Janaúba. A partir de abril de 2009, foram criados os municípios de Pai Pedro, Catuti, Jaíba e Gameleira.

A região do Gurutuba é considerada o maior campo negro quilombola até o momento (2010). O Território Gurutubano, composto por 30 comunidades, tem aproximadamente 5.000 habitantes e 650 famílias. Os gurutubanos sobrevivem, mantendo as práticas sociais e os saberes tradicionais; guardam estreitas relações de parentesco, preservam o mesmo modo de vida, os mesmos princípios de organização e as mesmas formas de sociabilidade, com pequenas variações em termos de suas formas culturais. Para eles, a terra é patrimônio familiar e deve ser mantida indivisa, pois faz parte de um território que constitui a base de sua identidade. A endogamia (de lugar e de sangue) é bastante comum e está associada ao casamento entre primos. Quanto à questão de parentesco, a categoria de 'filho particular' é singular, bastante comum, pública e notória para eles.

A modalidade de família bastante recorrente é constituída pela mãe e seus filhos particulares e, em alguns casos, filhos de pais diferentes, mas isso não é questão de constrangimento para entre eles. (COSTA FILHO, 2005). Segundo Silva (2008, p.167), a unidade analítica 'desenho da cultura local' é marcada pela tradição e pelo modo de vida, que

estão associados a uma mesma subcategoria, que é a demarcação da diferença. A estrutura do Território não é uma categoria, mas sim uma unidade analítica e foi organizada em função de elementos presentes na cultura local. A relação racial é uma categoria que aparece no desenho da cultura local e, na identidade Quilombola, é uma categoria associada à cultura local.

O povo gurutubano não guarda lembranças do tempo de escravidão, não sabe contar histórias de seus antepassados, escravos fugidos, dos tempos remotos da escravidão, nem mesmo dos embates que demarcaram suas diferenças e relativo isolamento.

Quanto à educação, há em quase todas as comunidades uma escola de primeira a quarta série, que possui uma única sala com uma turma multisseriada pela manhã (1ª e 2ª séries), e outra, também multisseriada, à tarde (3ª e 4ª séries). A sequência dos estudos (5ª série até o Ensino Médio) é oferecida pela escola da comunidade da Vila Sudário, que atende aos adolescentes e jovens das comunidades de Taperinha, Gorgulho, Plano de Assentamento Califórnia, Açude e da própria Vila Sudário.

No campo da religiosidade, ainda há as benzedeiras que socorrem as mazelas da saúde, desde os bebês até os idosos, com rezas e chás feitos de plantas cultivados em pequenas hortas caseiras, ou de casca de pau do mato. A prática de benzer é comum no território.

Arcabouço teórico-metodológico

A investigação alicerçou-se nos postulados teóricos da sociolinguística variacionista laboviana (Labov, 1968-1972), pois, visava ao estudo da variedade linguística portuguesa usada por esses cidadãos para se comunicarem, a determinar aspectos da estrutura linguística de tal variedade, suas formas e sua organização subjacente, e à melhor compreensão da relação entre os aspectos sociais e culturais da linguagem da comunidade gurutubana. Por se desenvolver em um território constituído por descendentes étnicos que possuem uma história na qual o contato entre grupos de povos diferentes é relatado, a pesquisa se apoiou também nos trabalhos de Fishman (1976), Hymes (1967, 1972) e Gumperz (1962, 1971). Daí, a opção por uma proposta de estudo do contato entre línguas, com o intuito de situar o português rural gurutubano no cenário histórico e sociocultural brasileiro. A partir disso, identificou-se o processo de contato do qual resultou tal língua e, para descortinar essa visão geral do contato entre línguas, utilizaram-se, ainda, as referências básicas de Weinreich (1953), cujo resultado foi um trabalho descritivo-explicativo sincrônico do português falado pelos gurutubanos. A

isto, acresceram-se algumas informações diacrônicas relativas à formação e evolução daquele dialeto observadas no decorrer do estudo.

Esse trabalho iniciou com a narração da história da escravidão no Brasil, necessária para melhor se compreender a contribuição dos africanos para a formação da língua portuguesa brasileira falada pelos quilombolas norte mineiros, habitantes do Território Gurutubano. Conhecer a história social dos falantes de uma determinada língua propiciou-nos conhecer os caminhos percorridos por essa língua. O exposto nesta parte teve como objetivos, portanto, elucidar os antecedentes dos quilombolas selecionados para nossa análise. Apontamos o número, os nomes e a localização geográfica e espacial das comunidades quilombolas existentes no Brasil: → Minas Gerais → Norte de Minas Gerais; definimos os termos 'quilombo', 'quilombola', 'comunidade quilombola', 'afro-descendente', 'afro-brasileiro' e analisamos como ocorre o processo de identificação de uma comunidade quilombola no Brasil. Enfim, por meio desses procedimentos, foi possível esclarecer a forma como ocorreu a ocupação efetiva do espaço geográfico, ou seja, como se deu o crescimento demográfico, a ocupação do interior e a urbanização de áreas rurais; o período das migrações e que tipo de cultura os imigrantes, os povos formadores da raça e da etnia brasileiras trouxeram, encontraram e desenvolveram; e o grau de isolamento no qual eles viveram, seu lugar de origem e as peculiaridades linguísticas vigentes no período da migração e no atual.

Pudemos concluir que a origem do povo dessa comunidade está atrelada, primeiramente, aos caminhos da colonização e do povoamento da Bahia e de Pernambuco e às expedições paulistas, pois, conforme nos conta a história, a região do Norte de Minas Gerais pertenceu, da descoberta do Brasil ao ano de 1757, às Capitanias de Porto Seguro e de Pernambuco. Foram dois séculos e meio de 'pertencimento' às identidades baiana e pernambucana. Somente a partir do ano de 1757 é que essa microrregião foi agregada à Capitania de Minas Gerais, criada em 18-08-1720. Portanto, entendemos que as raízes do Norte de Minas estão enterradas nesses dois espaços geográficos brasileiros, 257 anos como baianos e pernambucanos. Por essa razão, nós, norte mineiros, ainda somos mais baianos e pernambucanos do que mineiros.

Posteriormente, investigamos trabalhos que tratavam da origem, do desenvolvimento e da contribuição das línguas e dialetos africanos para a formação da língua portuguesa brasileira, tendo sido feito um recorte para aqueles que contribuíram para a formação da língua portuguesa no Estado de Minas Gerais e, especificamente, na região norte mineira. Nosso intuito foi extrair informações relevantes para o que nos propúnhamos a investigar.

Quanto aos trabalhos que abordam a origem e desenvolvimento do português em todo o território brasileiro, encontramos: Coelho (1880; 1886), Ribeiro (1921), Nascentes (1929), Mendonça (1936), Carneiro (1937), Melo (1945; 1970; 1981; 1990), Silva Neto (1950; 1970), Sousa (1960), Câmara Jr. (1970), Cunha (1980), Houaiss (1986), Tarallo (1993), Mello (1996), Lucchesi (1999b), Elia (2003), Ilari & Basso (2006), Naro & Scherre (2006). Há também muitos estudos sobre dialetos brasileiros, como: Amaral (1920), Nascentes (1922), Rodrigues (1933), Marroquim (1934), Teixeira (1938), Guy (1981), Bortoni-Ricardo (1985), Castro (2001), Zágari (2005). Nos trabalhos em questão, encontramos projetos dialetológicos de cada região brasileira. Há também outros projetos de âmbito nacional cujo objetivo tem sido o de retratar o processo da evolução e o uso atual do português brasileiro. Tais projetos também têm oferecido contribuições, tanto para o conhecimento da história interna do português brasileiro (com análises diacrônicas de características de sua estrutura morfossintática), quanto para sua história externa. Isso pode ser verificado em outros trabalhos também de grande valia: *Para a História do Português Brasileiro* (1997) (que se subdivide em projetos regionais), *Estudo da Norma Linguística Culta* (1969), *Gramática do Português Falado* (1988), *Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia* (2001), *Programa para a História da Língua Portuguesa* (1990).

Muitas regiões brasileiras e muitos estados do sudeste já possuem o desenho de sua formação histórico-linguística ou estão bem avançados no que diz respeito aos traços desse desenho. Já a região norte mineira ainda é muito pouco conhecida nesse aspecto, principalmente a área rural, que compõe uma grande parte do estado mineiro. Em relação aos estudos dialetais que abrangem toda a área mineira, estão registrados: *O Falar Mineiro* (TEIXEIRA, 1938) e *Os Falares Mineiros: esboço de um atlas linguístico* (ZÁGARI, 2005). Nenhum trabalho que se dedique a todo o espaço norte mineiro foi encontrado, apenas trabalhos sobre certas cidades. Há um trabalho intitulado *Uma abordagem variacionista sobre o uso da forma 'você' no Norte de Minas* (COELHO, 1999), cujo foco de estudo é a fala do povo do município de São Francisco – MG. Há também estudos linguísticos que tratam dos aspectos gramaticais do português falado em cidades situadas no norte de Minas Gerais, como: *Comportamento Linguístico do Dialeto Rural*, sobre a cidade de Januária (VEADO,1982); *Uso do Indicativo no lugar do Subjuntivo*, sobre a cidade de Januária (NETA, 2000).

Quanto a trabalhos que tratam da influência de elementos africanos no português do Brasil, encontramos: Mendonça (1933), Raimundo (1933), Carneiro (1937), Rossi (1963), Castro (1967-1976), Castro e Castro (1980), Megenney (1970), Baxter (1992). Não

detectamos, em Minas Gerais, trabalho algum que tenha como tema 'A influência de línguas africanas' e que abranja toda a região mineira. Existem trabalhos individuais, tratando de temas e cidades específicos como: *O negro e o garimpo em Minas* (DA MATA, 1943), *A língua do negro da costa: um remanescente africano em Bom Despacho* (QUEIROZ, 1984), *A África no Serro-Frio - Vissungos: uma prática social em extinção* (NASCIMENTO, 2003). Não há registro de investigações linguísticas que mostrem características da língua portuguesa brasileira falada em área rural quilombola mineira. Dos estudos linguísticos desenvolvidos sobre a influência de línguas africanas no português do Brasil, destacamos os que apresentam vestígios de um dialeto africano: *Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras* (CARENO, 1997); *A Língua do Negro da Costa* (QUEIROZ, 1998); *João Ramalho* (SPERA; RIBEIRO, 1989); *Helvécia* (FERREIRA, 1961; 1985), *Lanc-Patuá* (ANDRADE, 1984); *Cafundó* (FRY; VOGT; GNERRE, 1980; 1981; 1985); *Vissungos* (NASCIMENTO, 2003).

Tais estudos contribuíram, sobremaneira, para o nosso conhecimento e a nossa compreensão, tanto da história interna, quanto da história externa da língua portuguesa brasileira. Além disso, deram-nos a certeza sobre a relevância da nossa proposta de trabalho e investigação em espaços geográficos do Brasil, por exemplo, a região mineira, especificamente, a norte mineira. Outro aspecto que assegurou a validade de nossa pesquisa foi o fato de não terem sido encontrados trabalhos ou pesquisas que tratassem especificamente dos dialetos norte mineiros urbanos e rurais e, especificamente, dos dialetos rurais que possuem características peculiares, como o falado pelo povo gurutubano.

Os dados foram coletados por meio de anotações, de observações etnográficas e gravação de entrevistas, algumas informais (conversas livres), sem qualquer limitação de tema ou assunto; outras direcionadas para temas sobre festas religiosas, costumes e antepassados, por acreditarmos que revelariam pontos sobre a história local. Parte das entrevistas foi gravada, tendo como base questionários estruturados, devido à necessidade de se registrarem aspectos fonéticos, fonológicos, morfossintáticos e lexicais da variedade linguística em estudo. Para conhecer a história (origem, desenvolvimento – ainda não registrados) e coletar arcaísmos das comunidades em estudo, entrevistamos e conversamos aleatoriamente com um grande número de pessoas idosas, gravamos rezas, benditos, cantos, mas não foi possível, como pretendíamos, verificar documentos antigos como certidões de nascimento, batismo, óbito, registros de propriedades, que não existiam, e os documentos de

identidade etc. Os títulos de eleitor, que hoje já existem, foram conseguidos recentemente, ou seja, a partir da década de 1980.

A maioria das entrevistas foi realizada na moradia dos informantes. De modo geral, as entrevistas foram feitas individualmente e apenas em alguns casos a sessão contou com a presença de outra(s) pessoa(s) além do entrevistado. O trabalho de coleta de dados deu-se em período integral (manhã, tarde e noite). Com cada pessoa que adentrava a casa onde a entrevistadora ficou hospedada, a prosa rendia um fato a ser anotado e, às vezes, gravado. Durante as gravações, várias anotações foram feitas paralelamente, pois surgiam fenômenos linguísticos tão curiosos que era preciso anotá-los, para que não houvesse erros ou esquecimento de detalhes quando fossem transcritos.

Em seguida, foram feitas a transcrição e a digitação. Na transcrição, foram adotadas basicamente as normas do Projeto NURC/SP (Norma Urbana Culta de São Paulo), com algumas estratégias do PORCUFORT (Projeto Oral Culto de Fortaleza). Em linhas gerais, trata-se de uma escrita comum, com algumas características que são necessárias para que se possa respeitar a originalidade do aspecto a ser grafado. Concluídos os trabalhos de transcrição e digitação, procedemos a quatro revisões dos textos, após as quais ficou estabelecido que o *corpus* estava pronto para ser usado como base empírica para nossas análises linguísticas.

Para a constituição da amostra, foram levados em conta os grupos de fatores sociais 'sexo', 'escolaridade', 'ocupação', 'grau de contato' e 'faixa etária', estabelecidos como possíveis responsáveis pelo comportamento dos aspectos linguísticos em estudo com as devidas ressalvas já apontadas. Essa amostra foi constituída por trinta e oito informantes, moradores que nasceram no Território Gurutubano, sendo vinte e dois (22) informantes do gênero feminino e dezesseis (16) informantes do gênero masculino.

Aspectos linguísticos do português brasileiro gurutubano

Nossa investigação aponta que o linguajar gurutubano apresenta um sistema sonoro diferenciado daquele observado no português brasileiro urbano e bastante próximo do português brasileiro falado nas áreas rurais brasileiras e em alguns lugarejos de Portugal, conforme anunciado por estudiosos de além e de aquém-mar. Observa-se uma entoação diferente das que já ouvimos em outras regiões mineiras e em outros espaços brasileiros por onde andamos e, ainda, de pessoas com que convivemos. Esse linguajar nos lembra sons

vocálicos nordestinos, mesclados por fricativas cariocas que nos dão a certeza de que "parece, mas, não é", o sotaque baiano ou o carioca, mas uma melodia única daquela gente única, isto é, o povo gurutubano com uma melodia gurutubana. Delineamos, a seguir, algumas peculiaridades linguísticas que justificam considerarmos o português brasileiro falado pelo povo que vive naquele território como um dialeto do português brasileiro, ou seja, "português brasileiro gurutubano" (PBG).

Vogais

O inventário vocálico do PBG, assim, como o do português brasileiro possui sete vogais orais [i, e, ɛ, a, ɔ, o, u], duas semivogais [ʲ], [ʷ] e cinco vogais nasais [ĩ, ẽ, ã, õ, ũ]. Listamos as vogais orais no Quadro 1 a seguir, e logo após, no Quadro 2, encontram-se as vogais nasais.

Altura da Língua	**Posição da Língua**		
	Anterior	**Central**	**Posterior**
Alta	ɨ		u
Média	e		o
	ɛ		ɔ
Baixa		a	

Quadro 1: Inventário fonético das vogais orais do dialeto gurutubano.

Altura da Língua	**Posição da Língua**		
	Anterior	**Central**	**Posterior**
Alta	ĩ		ũ
Média	ẽ		õ
Baixa		ã	

Quadro 2: Inventário fonético das vogais nasais do dialeto gurutubano.

Em geral, o falar dos indivíduos do território gurutubano é lento, pausado, sua pronúncia possui um ritmo suave, mas firme, que marca, claramente não apenas a gradação de

intensidade menor ou atonicidade variável, mas também o contraste entre uma sílaba tônica (fri**en**tu, **vé**lu, ve**lím**) de uma semitônica (**fri**entu, **ve**lím) e de uma átona (frien**tu,** ca**sa**), em uma cadeia extensa falada:

(1) *...enton... elu quiría dá ua di nóvu i... nóvu guénta com vei? non guénta... qué qui acontéceu... eru hómu vélu... bem velím e élu chegô na cása e távum friu... um friu ânsim inórmi di mês di juin... o mês di juin somu mês mais friéntu até pra nóis aqui... qui aqui é quénti né... mah mêh di juin aqui faz friu... ai quê qui acontéceu...* (APC1G08)

As vogais constituem a base da cadeia sonora e são pronunciadas, mesmo as átonas mediais e finais, sem pressa. A seguir, fornecemos exemplos que retratam as vogais do dialeto do português brasileiro gurutubano.

(2)

Fonemas	**Vocábulos do PBG**
/ i / [i - ʲ]	p**i**ó-pior, vé**i**-velho
/ e / [e - ɛ]	p**e**xu-peixe, impr**é**stu-empréstimo
/ a / [a]	**a**lembu-alembro
/ o / [o - ɔ]	ful**o**ri-flor, s**o**rfênu-sofrendo
/ u / [u - ʷ]	m**u**lé-mulher, inga**u**-igual
/ ĩ / [ĩ]	**im**bola-embolar
/ ẽ / [ẽ]	p**en**tʃu-pente
/ ã / [ã]	cord**ã**u-cordão
/ õ / [õ]	mestruaç**on**-menstruação
/ ũ / [ũ]	m**un**tu-muito

Consoantes

Em relação às consoantes, no Quadro 3, a seguir, registramos os 23 fones para o português brasileiro gurutubano e logo adiante, relacionaremos exemplos em que tais fonemas ocorrem:

		Bilabial	Labiodental	Dental alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	Surda	p		t			k	
	Sonora	b		d			g	
Africada	Surda				tʃ			
	Sonora				dʒ			
Fricativa	Surda		f	♦	ʃ			h
	Sonora		v	z	ʒ			
Nasal	Sonora	m		n		ɲ		
Tepe	Sonora			ɾ				
Lateral	Sonora			l (w)		ʎ (y)		

Quadro 3: Inventário fonético das consoantes do dialeto gurutubano.

(3)	**Fonemas**	**Vocábulos do PBG**
	/ p / [p]	**p**astilera-prateleira
	/ b / [b]	**b**atão-baton
	/ t / [t]	**t**omanquim-tamanquinho
	/ d / [d]	**d**ezembu-dezembro
	/ k / [k]	**qu**ilaru-claro
	/ g / [g]	**g**rafu - garfo
	/ t / [t - tʃ]	**t**a**t**u, **tʃ**i**tʃ**u-título, frui**tʃ**a-fruta,
	/ d / [d - dʒ]	**dʒ**imu**d**ô-modificou-mudou
	/ f / [f]	**f**ruitʃa-fruta
	/ v / [v - b]	**v**iamentu-aviamento, **b**arrê-varrer
	/ s / [s - h]	**s**ali- al, mehmu-mesmo
	/ z / [z - v]	**z**iria-virilha
	/ ʃ / [ch - s]	**ch**acra-chácara, pare**ʃ**i-parece, **ʃ**ĩô-senhor
	/ ʒ / [j - z]	**j**aneri-janeiro, re**ʒ**u-rezo, qua**ʒ**i-quase
	/ h / [h - s]	**r**emedʒi-remédio, ca**s**tão-cartão
	/ l / [l - r - h - ɬ]	**l**eitu-leite, pob**r**ema-problema, fa**r**tava-faltava so**l**-sol
	/ m / [m]	**m**eli-mel
	/ n / [n]	**n**ovembu-novembro
	/ ɲ / [ɲ]	ama**nh**õ-amanhã
	/ ɾ / [ɾ]	infa**r**ô-enfarar
	/ l (w)/ [ʷ]	ca**l**pi-carpir

/ ʎ / [ʎ - l - y] traba**lh**u ~ traba**l**u ~ traba**iu**

Percebemos que, nos exemplos acima, os sons consonantais apresentam, por vezes, uma distribuição diferente daquela do português brasileiro padrão. Por exemplo, [tʃ] ocorre diante de outras vogais que não o [i].

Estrutura silábica

Analisamos as estruturas silábicas do PBG, detectadas a partir da contagem de uma amostra de 655 vocábulos retirados do glossário e, no que tange à sílaba, desse total de vocábulos, identificamos 1.864 sílabas, sendo que os tipos silábicos encontrados foram:

Sílaba					
Padrão	**Nº de casos**	**%**	**Tipo**	**Nº de casos**	**%**
CV	1.393	74.74	**Livre**	**1.725**	**92.5**
V	201	10.78			
CCV	81	4.34			
CV'V	50	2.68			
CVV'	6	0.32	**Travada**	**139**	**7.5**
CCVC	4	0.21			
CVVC	1	0.05			
CVC	106	5.7			
VC	22	1.18			
Total	**1.864**	**100**		**1.864**	**100**

Quadro 4: Tipos silábicos do PBG.

Esclarecemos que os ditongos serão interpretados como sequências de vogais; um ditongo crescente será representado por V'V e o descrescente por VV' (SILVA, 1999, p. 154). Com base nos estudos de Câmara Júnior (1971, p. 26-33), em nossa análise,

consideraremos o ditongo crescente como sendo composto por sílabas abertas, o decrescente como sendo composto por sílabas travadas. Esse autor acredita que a maioria dos ditongos da língua portuguesa é decrescente e que, nos casos nos quais são classificados como ditongos crescentes pelos normativos, geralmente, trata-se de casos de variação livre sem qualquer oposição distintiva. Bisol, citada por Collischoon (1996, p. 115-117), compartilha dessa posição de Câmara Júnior e afirma que "[...] os ditongos crescentes não fazem parte do inventário fonológico do português". Segundo Bisol, tais ditongos "[...] são rimas de duas diferentes sílabas na estrutura subjacente. O principal argumento diz respeito ao fato de a sequência de glide e vogal estar normalmente em variação livre com a vogal alta harmônica".

Para demonstrar alguns exemplos dos tipos silábicos do português brasileiro gurutubano, apresentados no Quadro 3, produzimos um mostruário logo a seguir:

(4)	**Padrão silábico**	**Exemplo**
	CV	**[**si][ri][vi][ci]
	V	Za[e]li
	CCV	nes[tre]gia
	CV'V	[iô][iô]
	CVV'	**[**Deu]su
	CCVC	[pros]ta
	CVVC	des[pois]
	CVC	a[bos]tu
	VC	[Ar]fonsu

Conforme se pode ver no Quadro 4, 1.725 das ocorrências são constituídas por sílabas abertas, perfazendo um total de 92.5 % do total de sílabas. Os outros 139 casos (7.5%) são constituídos por sílabas travadas, seja por consoante ('bi[h]neto'), seja por semivogal ('no[y]tchi'). Essa canonicidade das sílabas abertas é garantida por: (a) casos em que a sílaba é aberta por natureza ('moda') e (b) casos em que uma sílaba travada é desfeita, seja por inserção ('dezi'), por cancelamento ('alugué'), ou por metátese ('braberu').

Outro ponto a se notar no Quadro 4 é a preferência por sílabas do tipo CV entre as sílabas abertas. Das 1.725 sílabas abertas, 1.393 delas (80.7%) são do tipo CV. Em resumo, a preferência por sílabas abertas, especialmente as do tipo CV, é garantida pela atuação de alguns processos fonológicos no PBG.

Síntese das características linguísticas

Sobre as características linguísticas, no geral, identificamos fenômenos fonético-fonológicos e morfossintáticos, como:

(5) Simplificação do padrão silábico, especialmente do tipo CV, garantido por alguns processos fonológicos de inserção (isfiriá), cancelamento (Cafezá), metátese (preca).

(6) Nasalização: ‘ingreja’, ‘improbí’; desnasalização: ‘siora’, ‘onti’; palatalização: ‘politcha’, ‘iguaumentchu’; assimilação: ‘tomem’; vocalização: ‘bulantina’; rotacismo: ‘pronta-planta’; lambdacismo: ‘Olivela-Oliveira’.

(7) Nomes terminados em postônica final / o /, no português tradicional, realizam-se como / e / e o contexto em que o fonema / e / co-ocorre no português brasileiro tradicional, no PBG realiza-se como / o /. Exemplo: ‘danad**i**-danad**o**’, ‘realment**u**-realment**e**’.

(8) Nomes em cujo contexto ocorre o fonema / e / no português tradicional, e que se realizam como / a / no PBG: ‘duent**a**-duent**e**’, ‘**i**nimia-**a**nemia’.

(9) Muitas vezes, o fonema / r / tem seu principal alofone [h], substituído por [s], como se pode comprovar pelos seguintes exemplos: ‘ abostei-abortei’.

(10) Em alguns casos, percebe-se claramente que a passagem a uma região alveolar foi incrementada por um processo prévio de rotacismo, como em ‘si**s**puta’. Nesta palavra, há, primeiramente, [l] > [h] - ‘sepu**l**ta > sepu**h**ta’, depois, [h] > [s] -, ocorrendo posteriormente a transposição (metátese) do fonema [s] para a sílába posterior, sipu**s**ta > si**s**puta.

(11) Há casos em que ocorre o caminho inverso do exposto em 5, como se [h] e [s] estivessem envolvidos num ‘flip-flop’, como em: ‘be**r**tagi-be**s**tage’.

(12) Uso de formas dos pronomes demonstrativo arcaicas, como: ‘issi’, ‘aquêzi’, ‘aquelô’, ‘êssu’.

(13) Tendência para a posposição do possessivo como em: ‘madĩa minha’.

(14) Ausência da forma ‘você’, havendo a predominância, quase categórica, de ‘cê’ e baixa incidência de uso do ‘ocê’.

(15) Sobre a flexão de nomes (substantivos e adjetivos), em síntese, o sintagma nominal traz, apenas uma vez, a informação de número necessária. A flexão de número é marcada apenas no primeiro de seus determinantes (artigo, numeral, demonstrativo, possessivo etc.) como ‘três homu e três muié’.

(16) Concordância, no sintagma nominal, diferente da prevista pela gramática tradicional, ‘a mõi granda’, ‘essis roma di mondioca’.

(17) Diferença entre a 1ª pessoa do singular (Eu ˈgost**i**, eu gostav**u**, eu gosˈt**i**) e as demais (ele/ela gosta, nós gosta, você/vocês gosta, eles/elas gosta), independente do modo ou tempo verbal.

Considerações finais

Primeiramente, conforme anunciado anteriormente, o resultado do nosso trabalho descritivo-explicativo e sincrônico do português falado pelos gurutubanos, acrescido de algumas informações diacrônicas relativas à sua formação e evolução, apontou a existência de um falar do português brasileiro rural gurutubano, que possui traços específicos que permitem sua caracterização como dialeto da área rural gurutubana.

Com base nas características linguísticas delineadas na seção 4 deste texto, afirmamos que a língua portuguesa brasileira falada pelos gurutubanos apresenta traços gramaticais e lexicais diferentes do português proposto pela gramática normativa tradicional. Além das diferenças de pronúncia, de ritmo de fala e de escolhas lexicais, há um conjunto de aspectos

gramaticais diferenciados, conforme mencionamos anteriormente, que ainda não encontramos em outro lugar do Brasil.

O português falado pelos gurutubanos apresenta características, tanto de línguas africanas, quanto heranças de traços indígenas, e também do português trazido pelos europeus. Não podemos informar percentuais exatos dessas contribuições, mas há, com certeza, a participação dos três. Percebe-se que há uma tendência maior para as heranças portuguesas, pois muitos dos aspectos encontrados no dialeto gurutubano são levados em conta por pesquisadores como Scherre e Naro (2007), Melo (1981), Silveira Bueno (1946), Souza (1960) etc. Portanto, podemos afirmar que o português brasileiro falado pelos gurutubanos é o resultado do contato entre línguas. Por hora, e com base nos resultados encontrados em nossas investigações, ventilamos que seja uma confluência de motivações, conforme propõem Scherre e Naro (2007). No entanto, estamos cientes de que é necessário se aprofundar em estudos sobre 'contato entre línguas', temática fascinante, porém, inviável de ser abordada neste texto, devido à exiguidade de tempo e espaço.

Sobre o léxico, registramos vocábulos considerados pelos estudiosos como arcaísmos, como, por exemplo: 'adura', 'afugenta', 'congó', 'disgraçudu', 'fudigu', 'ĩô', 'ĩora', 'ioiô', 'jinela', 'monaíba' etc. Isso nos leva a crer que tais arcaísmos são resultado do isolamento relativo do povo desse território em relação aos seus vizinhos de outras áreas rurais, bem como do centro urbano. Outro fator que favorece a ocorrência de arcaísmos é a existência de uma 'rede fechada' que possibilita a conservação linguística e uma maior restrição às inovações externas. Atualmente, já é possível perceber que esse quadro de contato está se modificando, devido às novas políticas públicas sociais, como o acesso a cursos escolares nos meios urbanos, via projetos; a criação de escolas no território; o contato com a presença da escrita; o acesso aos livros, às revistas e à tecnologia em CDs, DVDs etc.; e o maior contato com o meio urbano, através de representações sociais e lideranças sindicais.

Observamos que feriados nacionais civis (Confraternização Universal, Tiradentes, Dia do Trabalho, Independência do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, Finados, Proclamação da República, Natal), e datas comemorativas de fatos históricos comuns e antigos em nossa sociedade, como dia dos pais, dia das mães, aniversário natalício (*eu nem fiz nivésari* (APM1G21), dia das crianças, dia do índio, dia da árvore, natal e páscoa, dia do professor, carnaval, entre tantas outras datas e costumes não são encontrados em seu cotidiano e/ou são comemorados diferentemente dos nossos. Essas diferenças culturais se refletem no léxico do dialeto falado pelos gurutubanos, pois não há palavras/expressões relacionadas a datas

comemorativas de natureza civil, religiosa e de outra natureza, como: 'aniversário', 'feliz aniversário', 'dia dos pais', 'ano novo', 'dia do trovador', 'Tiradentes', 'rotariano', 'confraternização', carnaval etc.

Advogamos neste texto, por caminhos teóricos e analítico-descritivos, que existe um português brasileiro gurutubano falado pela comunidade pesquisada. E, no entanto, devemos admitir que a descrição e as análises de falas aqui feitas encerram, em si mesmas, uma minúscula partícula das características no vastíssimo universo que o linguajar gurutubano descortina.

Referências bibliográficas

AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. São Paulo: Hucitec, (1955) 1976.

BAXTER, A. A contribuição das comunidades afro-brasileiras isoladas para o debate sobre a crioulização prévia: um exemplo do estado da Bahia. In D'ANDRADE, E.; KHNY, A (Orgs.). **Actas do Colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa**. Lisboa: Colibri, 1992 p. 7-36.

BORTONI, S. M. R. **The urbanization of rural dialect speaks: a sociolinguistic study in Brazil.** 1985. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Lancaster, Inglaterra.

BUENO, S. **Estudos de filologia portuguesa**. Vol. 1. São Paulo: Saraiva, 1946.

CÂMARA Jr, J. M. **Línguas europeias de Ultramar**: o português do Brasil.

CARENO, M. F. **Vale do Ribeira**: a voz e a vez das comunidades negras. São Paulo: Arte & Ciência, UNIP, 1997.

CARNEIRO, S. **Os mitos africanos no Brasil**. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife: Companhia Editora Nacional, 1937.

CASTRO, E. **Geografia linguística e cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Gráfica Sauer, 1937.

COELHO, F. A. Os dialetos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. In. **Estudos Linguísticos Crioulos**. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Academia Internacional da Cultura Portuguesa, Lisboa, p.1-234, 1967.

COELHO, M. S. V. **Gurutubanos**: língua, história e cultura. 44 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 91 – 123.

COSTA FILHO, A. **Mansos por natureza**: situações históricas e permanência Paresi**.** Dissertação de Mestrado. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/ UnB. 2008.

COSTA FILHO, A. **Laudo de Identificação e Delimitação Territorial do Quilombo do Gurutuba**. Brasília: Fundação Cultural Palmares/Universidade Católica de Brasília. Mimeo. 2005.

CUNHA, C. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. 5 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

FISHMAN, J. The sociology of language: a interdisciplinary social science approach to language in society. In: FISHMAN, Joshua, (Org.). **Advances in the sociology of language**: basic concepts, theories and problems: alternative approaches. Vol. 1, 2 ed, p.217-404. The Hague: Mouton, Paris, 1976.

GUMPERZ, J. **Language in social groups.** Stanford: Stanford University Press,1971.

GUMPERZ, J. "Types of linguistic communities." Anthropological Linguistics 4(1):28-40. [Reprinted in J Fishman ed. 1968, **Readings in the sociology of language**, 1962, pp. 460.

GUY, Gregory Riordan. **Linguistic variation in Brazilian Po**rtuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history. 1981. Dissertação (Doutorado em Linguística), Graduate Faculties, University of Pennsylvania, Philadelphia.

HOUAISS, A. **O português no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

HOUAISS, A.. Línguas e a língua portuguesa**.** A nossa língua: 170 milhões adotam o português como idioma oficial. **A revista do Brasil.** ano 5, n.12, p. 14-41. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1990.

HYMES, D. **Foudations in sociolinguistics**: an ethnographic approach. London: Tavistock Publications Limited, 1977.

HYMES, D. Models of the interaction of language and social life. (Revised from 1967 paper.) In: GUMPERZ; HYMES (eds). 1972 **Directions in sociolinguistics:** the ethnography of communication. Oxford, Blackwell, 1972, p.35-71.

ILARI, R., BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington: Center for Applied Linguistic, 1968.

LUCCHESI, D. A questão da formação do português popular do Brasil: notícia de um estudo de caso. **A Cor das Letras**. Feira de Santana, Vol. 3, p. 75-100, 1999.

MARROQUIM, M. **A língua do nordeste**: Alagoas e Pernambuco. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1934.

MELLO, H. R. **The genesis and development of brazilian vernacular portuguese**. 1996. Tese (Doutorado em Linguística). City University of New York.

MELO, G. C. O português do Brasil. **A revista do Brasil.** ano 5, n.12, p. 106-115. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1990.

MELO, G. C. **A língua do Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1981.

MELO, G. C. **Origem, formação e aspectos da cultura brasileira**. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1974.

MELO, G. C. **O português do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

MENDONÇA, R. **O português do Brasil**: origens, evolução, tendências. Vol.10. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. **Garimpo das origens do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2007.

NASCENTES, A. **O idioma nacional**. Vol. IV. Rio de Janeiro: Livraria Machado, 1929.

NASCIMENTO, L. V. **A África no Serro Frio - vissungos**: uma prática social em extinção. 2003. Dissertação (Mestrado em Lingüística). UFMG: Faculdade de Letras, Belo Horizonte.

NETA, A. A. **Uso do indicativo no lugar do subjuntivo**. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFMG, Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

NEVES, A. S. *Chorographia* do Município de Boa Vista do Tremendal – Estado de Minas Geraes**. Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte: 1908a.

QUEIROZ, S. M. **A língua do negro da Costa**: um remanescente africano em Bom Despacho (MG). 1984. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFMG, Faculdade de Letras, Belo Horizonte.

RIBEIRO, J. B. A. F. **A língua nacional e outros estudos lingüísticos.** Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

RIBEIRO, J. B. A. F. **O elemento negro:** história, folklore, linguística. Rio de Janeiro: Record, 1932.

RODRIGUES, R. N. **Os africanos no Brasil**. 8 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

SILVA, K. C. V. **Cultura e desenvolvimento em comunidades quilombolas**: um estudo de caso da experiência do Programa Brasil Quilombola nas comunidades de Taperinha e PA California. 2008. Monografia (Graduação em Sociologia), PUCMINAS, Belo Horizonte.

NETO, S. S. A língua portuguesa no Brasil. **A revista do Brasil**. ano 5, n.12, p. 88-93. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1990.

NETO, S. S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

NETO, S. S. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970 (1952).

NETO, S. S. **Manual de gramática histórica portuguesa**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 1999.

SOUZA, A. **A língua portuguesa no Brasil**: aspectos léxicos e semânticos, alguns arcaísmos, folclore e linguagem. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1960.

TARALLO, F. Diagnosticando uma Gramática Brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). **Português Brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In Ian. Roberts; Kato, Mary Aizawa. (Orgs.) **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

TEIXEIRA, J. A. O falar mineiro. **Revista do Arquivo Municipal**. Vol. XLV, São Paulo, 1938.

VEADO, R. M. A. **Comportamento linguístico do dialeto rural**. 1982. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFMG, Faculdade de Letras, Belo Horizonte.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.. **Empirical foundation for a theory of language change.** Austin: University of Texas Press, 1968. 97-195.

WEINREICH, U. **Languages in contact**: findings and problems. The Hague: Mouton, 1953.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005.